

Pára aí gente!

Lembro-me que era manhã de uma sexta-feira, outubro de 1994, quando entrou umas das ocorrências mais corriqueiras daquela época: “beijuda no petróleo”, ou seja, animal em poço (leia-se: fossa). Naquela época havia uma grande quantidade de carroças na cidade de Anápolis e, por isso, muitos animais como cavalo, mula e jegue circulavam pela cidade. Chegamos num bairro afastado onde havia muitas crianças nas ruas, normal para as ocorrências desta natureza, não falando ainda dos cachorros e bêbados que também eram presenças confirmadas.

Chegamos ao endereço da ocorrência, onde foi observado que se tratava de uma égua em uma fossa, onde era jogado os dejetos dos banheiros da residência. Montamos o sistema de multiplicação de força, um tripé onde o Soldado Coelho se preparava para descer. Depois de preparado, o Soldado Coelho já ia descer, quando lembramos de avisar aos moradores da referida residência de não usar a pia, chuveiro e tão pouco o vaso, muito menos a descarga dos banheiros.

A fossa era profunda com mais de quatro metros. O Soldado Coelho então ficou pendurado e conseguiu fazer o cabresto na Vera Fisher, apelido que foi dado ao animal devido ela ter uma vasta crina loira e o olho claro. Amarrou, então, uma das patas quando, de repente: a tragédia! Alguém deu descarga, caindo assim urina e acompanhantes nas costas do Soldado Coelho. Começamos a falar bravo com os moradores, um bombeiro gritando, pára aí, pára aí, pára aí!

Perguntamos se não tinham escutado que não era pra usarem o banheiro, que era uma falta de respeito com o profissional que estava dentro da fossa. Quando ainda brigávamos com os moradores, a surpresa: saiu de dentro da casa o Cabo Boca Seca, abotoando a calça e fechando o zíper! Os moradores então começaram a dizer: - olha lá quem é que usou o banheiro e deu descarga! Seu amigo, bombeiro.

Foi uma vergonha e tanto. O Cabo Boca Seca, sem graça, tentava justificar a grande besteira que ele tinha feito. O Sd Coelho, como é de costume de todo Bombeiro Militar, apesar da “sujeirada”, não abandonou a missão.

Depois de amarrado o animal, resolvemos que o puxaríamos com o auxílio da viatura. O condutor, Cabo Boca Seca, ainda muito nervoso, errou a manobra e acelerou demais. A égua quase passou dentro da roldana, derrubando o tripé. Foi uma grande bagunça! Era gente gritando, égua relinchando, bêbado caindo, menino correndo, cachorro latindo, mulher chorando e o motorista acelerando. Até que conseguimos puxar o animal para longe do buraco e entregá-lo ao dono, um carroceiro conhecido da região.

Voltamos para o quartel, onde no restante do serviço foi só curtição com o acontecido. Alguns chamando o Soldado Coelho de fraldinha, pois faziam xixi nele. Outros falaram que o Cabo Boca Seca tinha uma fábrica de linguiça de carne de equino porque queria moer a égua dentro da roldana. Esta situação nos rendeu muitas brincadeiras e sorrisos. Até hoje ela é lembrada no atual 3º Batalhão Bombeiro Militar.